

O ORGANISMO: UM SISTEMA QUE INTEGRA CONSCIÊNCIA, MENTE, CORPO E MEIO AMBIENTE

Edmar Gomes Rodrigues¹

Resumo

Este artigo² apresenta a ideia de que a consciência não é uma realidade independente do organismo. Demonstraremos que ela, em uníssono com aspectos químicos, biológicos e elétricos do organismo, os processos mentais e o meio ambiente, compõem uma realidade única. Nosso objetivo principal consiste em evidenciar, a partir de estudos de neurocientistas e filósofos renomados, que a mente — consciente e não-consciente — emerge de processos neurofisiológicos e se desenvolve a partir de interações do cérebro com o corpo e o meio externo. Esta proposta se justifica pela necessidade de se conceber a consciência como um fenômeno da natureza que não pode ser equacionado isoladamente. Por isso, foi adotada uma metodologia sistêmica que contempla a prerrogativa da consciência como parte integrante do organismo humano e de animais com cérebros e sistemas neurais desenvolvidos e complexos. Assim, é nossa proposta expor variações de perspectivas monistas que contemplam consciência, mente e corpo como aspectos de uma realidade única. Como conclusão temos que a consciência deve ser considerada em investigações científicas ou filosóficas que tenham como temática organismos complexos, uma vez que seus aspectos fenomênicos estão presentes no organismo vivo e vêm à existência por intermédio dele.

Palavras-chave: Consciência; mente; cérebro, organismo; meio ambiente.

1. Introdução

Este artigo nasceu da proposta de investigar produções de neurocientistas e filósofos consagrados, tais como Damásio (2011), Pankseep (2003), Searle (1998) e Whitehead (1978), que defendem que o organismo funciona como um sistema integrado, ou um ‘processo’, com aspectos físicos e mentais que se relacionam, apresentam codependência e interação conjuntamente com o meio ambiente. Nosso propósito é evidenciar que a consciência não é uma realidade *per se*, isolada e independente do organismo. Seu aparecimento e desenvolvimento tornam-se uma realidade unicamente por meio do organismo e seus processos neurofisiológicos no cérebro e no organismo. Assim, toda atividade mental, seja consciente e/ou não-consciente, emerge a partir de processos do organismo vivo e da interação dinâmica deste com o meio interno e o ambiente. Nesse sentido, exporemos que a consciência, como uma legítima parte do organismo, perfaz uma totalidade que integra aspectos mentais a aspectos físicos, químicos e biológicos do organismo que a contém.

¹ Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, mestre em filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e graduado em filosofia pela Faculdade Católica de Uberlândia – PUC Minas.

² Este artigo tem por base a dissertação de mestrado do autor, intitulada “O fenômeno e a estrutura da mente consciente: as relações de integração entre consciência, cérebro, corpo e meio ambiente”, defendida em fevereiro de 2014 pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU.

Um dos principais problemas no estudo da consciência como parte da natureza diz respeito a uma possível falha de entendimento quanto ao conjunto de relações que a consciência mantém com a ordem natural. Ora, do ponto de vista filosófico-científico, é praticamente consensual a ideia de que o organismo seja parte da ordem natural do mundo, e que é originado a partir dela. Ainda assim, porém, há uma dificuldade real, por parte de muitas áreas do conhecimento, de conciliar as noções de que (i) o mundo físico que dá origem à formação de seres conscientes e que (ii) a existência da consciência tem sua origem na vida plenamente orgânica. Provavelmente essa dificuldade deriva de consideramos intuitivamente que a consciência seja tão parte da natureza quanto qualquer um de nossos processos fisiológicos.

Assim, este artigo se justifica em face da necessidade de se pensar a consciência como um fenômeno da natureza que não pode ser equacionado isoladamente. Por isso adotamos a perspectiva sistêmica ou processual de que toda a vida orgânica complexa animal — em especial o organismo humano — compartilha a prerrogativa da consciência como parte integrante de um processo único.

Para a realização da difícil tarefa de preservar uma perspectiva sistêmica da vida orgânica e da consciência como parte dela, adotamos como metodologia trabalhar em função de problemas, e não em função de autor ou um determinado grupo de autores. Essa metodologia visa (i) evitar um recorte limitado do problema, como ocorreria na perspectiva de um único autor ou de um restrito grupo de autores, (ii) trabucar na proposta ortodoxa de fazer filosofia ao moldes de sua proposta inicial — em função de problemas universais, concebendo-os em sua totalidade, e (iii) explorar um método de reflexão ainda pouco utilizado na academia brasileira.

2. A consciência: a mais notável característica da vida mental

A consciência é a mais notável característica de nossa vida mental (LUDWIG, 2003, p. 2). A vida mental é o aspecto mais sofisticado e de mais alto nível da vida orgânica, principalmente de organismos humanos; no entanto, sem o cérebro, principal órgão de emergência da vida mental, esta não seria concebível (DAMÁSIO, 2004, 2011; SEARLE 1992). O cérebro é o órgão mais complexo da vida física; no entanto, sem o corpo no qual é gerado e se desenvolve, sua existência não seria presumível. O organismo — que integra corpo, cérebro e meio ambiente — é o conjunto de sistemas e funções que integram a vida em sua plenitude; entretanto, sem o meio externo para interagir, se nutrir e se relacionar, o organismo não sobreviveria, e muito menos a consciência, pois o que integra o organismo,

com todas as suas características, formando uma unidade inseparável são suas infinitas possibilidades de interação consigo mesmo, com o outro e com mundo que o contém. Sem o ambiente não há organismo. Sem organismo não há consciência. E sem consciência não há mundo.

A busca pelo entendimento de como a mente se relaciona com o corpo data de eras remotas, bem antes do chamado surgimento da filosofia, em diversas culturas tanto do ocidente como do oriente. Em geral, a ideia de que o homem é composto por duas realidades distintas que se inter-relacionam — um corpo e uma mente — predominou na história das culturas, inclusive na filosofia; muito embora a noção de que o corpo e a mente constituam aspectos de uma mesma realidade também remonte a períodos distantes. Embora a proposta de que corpo e mente sejam uma realidade única não tenha aparecido com frequência na história da filosofia, podemos aqui nos referir a algumas tentativas de defender essa ideia, desde a doutrina *hilemorfista* de Aristóteles, passando por sua assimilação por filósofos medievais, até o momento em que se torna uma tese um pouco mais robusta na teoria de Espinosa.

Foi a partir da metade do século XX, com o surgimento da filosofia da mente e das ciências do cérebro, que filósofos e neurocientistas começaram a se perguntar sobre a realidade das naturezas física e mental do organismo vivo humano e de outros mamíferos, e como elas se relacionam. Filósofos e psicólogos como Whitehead (1978), Searle (1998), Chalmers (2007), Baldwin (1895), e neurocientistas como Damásio (2011), Panksepp (1998, 2003) e LeDoux (1998) têm defendido a ideia de que a consciência e os processos neurofisiológicos do cérebro estão, de uma forma ou de outra, indissociavelmente integrados como o que comumente chamamos de organismo.

3. Organismo e consciência: um sistema integrado

A ideia do organismo humano como um sistema integrado composto por vários subsistemas — tais como os sistemas límbico, neural, digestivo, respiratório e reprodutor — é relativamente nova na história da filosofia e da ciência. Este conceito está na base da compreensão de um organismo funcional que opera de forma integrada e indissociável (LIEBER, 2001). O fracasso de um desses subsistemas no organismo marca o início do colapso de todo organismo vivo.

De uma forma geral, Lieber (2001) define sistema como:

Uma “coleção de entidades” ou coisas relacionadas ou conectadas de tal modo que “formam uma unidade ou um todo”, ou que “propiciem a consecução de algum fim lógico a partir dessas interações conjuntas”. Cada componente se relaciona pelo menos com alguns outros, direta ou indiretamente, de modo mais ou menos estável, dentro de um determinado período de tempo, formando uma *rede causal*. As *entidades* podem ser tanto pessoas, máquinas, objetos, informações ou mesmo outro sistema, no caso, *subsistema*. Essas mesmas podem ser *inerentes* (internas) ao sistema ou *transientes* (em movimento) a ele. O sistema estabelece uma fronteira e tudo que é externo a ele é chamado de *meio ambiente* do sistema.

A definição de Lieber (2001) proporcionou às várias áreas do conhecimento a possibilidade de se pensar o universo, o planeta, os organismos vivos e, em especial, o organismo humano como conjunto de entidades ou subsistemas codependentes entre si que se relacionam de forma integrada.

A compreensão de que cada sistema orgânico vivo estabelece uma fronteira com tudo o que é externo a ele proporciona pensar o conceito de meio ambiente, ou meio externo, como tudo o que extrapola os limites do organismo. Desta forma, pensar o organismo sem o meio ambiente torna-se incompatível com a noção de um organismo que depende do meio externo para seu desenvolvimento e sobrevivência. Isto posto, além da dependência de fontes nutricionais orgânicas e inorgânicas do meio externo para sobrevivência, o organismo, através do cérebro e de sua atividade cerebral, processa informações oriundas dos meios interno e externo a ele formando “padrões neurais” como parte de seu desenvolvimento e sobrevivência. Tais informações se traduzem em “imagens mentais” (DAMÁSIO, 2011), as quais, além de proporcionar ao organismo a capacidade contínua de adaptação consigo mesmo e com o ambiente, tornam-se em essência o subsídio básico e fundamental para a formação e manutenção dos processos mentais conscientes e não-conscientes.

A noção de que os processos mentais conscientes e não-conscientes fazem parte de processos biológicos do organismo, em especial do cérebro, toma fôlego através do trabalho de psicólogos e filósofos contemporâneos da estirpe de Baldwin (1861–1934) e Whitehead (1861– 1947). Ambos pesquisadores elaboraram a noção de que as atividades mentais e conscientes não são possíveis sem atividade física no organismo. Aliás, atividades mentais e orgânicas são processos de um sistema único. Sobre a noção de como o cérebro e consciência se relacionam, Baldwin (1895, p. 306) afirma que:

O cérebro não é um cérebro quando a consciência não está lá; o cérebro não poderia produzir o movimento voluntário, simplesmente porque, na realidade, isso não acontece. Assim, a consciência, por outro lado, não pode produzir movimento sem um cérebro. Toda a dificuldade parece residir, eu

penso, no ilegítimo uso da palavra “causação” [...]. Tal concepção como causação física não pode ser aplicada para além da esfera das coisas que se tornaram um princípio de explicação, isto é, no objetivo, no mundo externo das coisas³.

O conceito de que “o cérebro não é um cérebro quando a consciência não está lá” e o de que a “causação física” não pode ser aplicada para além da esfera das coisas foram inovadores para se pensar o modo de como a mente se relaciona com o corpo, ou é parte dele, no âmbito da ciência e da filosofia. Tais conceitos influenciaram um dos legados teóricos mais importantes deixados por Baldwin (1895), o chamado “efeito Baldwin” ou “evolução Baldwiniana” que, ao contrário às teses neo-lamarckianas de sua época, defende a ideia de que as decisões comportamentais humanas, feitas e sustentadas ao longo de gerações na forma de um conjunto de práticas culturais ou hábitos, deveriam estar entre os fatores que modelam o genoma humano. Muitos membros da comunidade científica de sua época, os quais defendiam uma filosofia idealista, se recusaram a aceitar a visão materialista e elementar de Baldwin da vida mental⁴ oriunda de causas físicas.

No entanto, as noções causais e relacionais entre aspectos mentais e físicos são apresentadas nos pressupostos metafísicos defendidos por Whitehead (1978) como uma ontologia de “processo”, ao invés de uma ontologia da substância. Nessa ontologia processual, aspectos mentais e materiais são considerados como ‘abstrações de uma mesma ocasião de experiência’ (Whitehead, 1978). Além do mais, nessa ontologia de processo não há uma dualidade entre mente e cérebro, pelo contrário, processos mentais são considerados como uma abstração de processos físicos. Nicholas Rescher (2001), descrevendo a diferença entre a ontologia processual e a de substâncias, diz que enquanto em uma ontologia de substância o mundo é um conjunto inerente de substâncias com propriedades estáticas, em uma dinâmica processual “a realidade não é uma constelação de coisas estáveis, apenas processos (BARKER, 2009, p. 18). Cada coisa real é algo por razão de sua atividade, e não por sua materialidade.

No entender do Barker (2009, p. 20), a consciência não é constitutiva da experiência, mas do processo. A experiência que emerge deste processo, proporciona à consciência sua capacidade de ser. Isso nos leva a pensar de alguma forma em uma ontologia monista processual que entende o organismo como um processo único que envolve diferentes aspectos de um mesmo evento ou como "um monismo complexo internamente de atividades de

³ Tradução do autor.

⁴ <http://www.psych.utoronto.ca/museum/baldwin.htm>

variados tipos agravados potencialmente" (RESCHER, 2001, p. 9). Este modo de pensar o organismo como processo marcou a filosofia de Whitehead (1978), que passou a ser conhecida como 'filosofia do organismo' ou 'filosofia de processo' (Process Philosophy).

A partir da proposta da 'evolução Baldwiniana' e da 'filosofia do organismo' de Whitehead (1978), tornou-se impossível uma separação de qualquer tipo entre atividade física e atividade mental, o que envolve os estados de consciência. Sobre Baldwin (1895), Pereira Jr. (2013b, p. 62) afirma ter sido o primeiro pensador a defender explicitamente a ideia do papel da consciência nos processos evolutivos do organismo humano. Em outros termos, a consciência integrada no organismo tanto afeta o genoma humano como é afetada por ele. Nesses moldes, torna-se inconcebível a ideia de separá-la do sistema orgânico, pois não há como pensar em desenvolvimento e adaptação do organismo humano ao meio ambiente social e mesmo natural sem considerar a consciência como parte do processo.

4. Perspectivas mono-orgânicas da consciência

A partir da metade do século XX até o presente momento, não foram poucos os pesquisadores das ciências do cérebro que pensaram a consciência e seus aspectos como parte integrante de processos cerebrais, e por conseguinte, como parte da biologia humana (ou do organismo). Neurocientistas e filósofos tais como Panksepp (2003), Velmans (2007), Searle (1992, 1998) e Damásio (2004) ousaram pensar a relação mente/cérebro, ou seja, a relação que envolve processos mentais conscientes e não-conscientes no cérebro dentro de um organismo de mamíferos, em especial o organismo humano, como uma realidade única ou mono-orgânica da consciência.

Searle (1992), na intenção de defender uma perspectiva naturalista de processos que relacionam a consciência e o cérebro por meio do que ele denominou de "naturalismo biológico", se atém a defender a noção de que os fenômenos mentais conscientes têm bases neurofisiológicas causais fundamentadas no cérebro. Sobre isso, Searle (1992, p. 217) afirma que:

Os fenômenos mentais possuem uma base biológica: são ao mesmo tempo causados pelas operações do cérebro e realizados na estrutura do cérebro. Segundo este ponto de vista, a consciência e a intencionalidade são tão partes da biologia humana quanto a digestão ou a circulação sanguínea. Trata-se de um fato objetivo sobre o mundo conter certos sistemas, a saber, cérebros, com estados mentais subjetivos, e é um fato físico desses sistemas que eles possuam características mentais.

Ao afirmar que os fenômenos mentais têm uma base biológica, Searle (1992) admite uma causalidade para os processos mentais conscientes e não-conscientes em bases físicas no cérebro. Em outros termos, Searle defende que a consciência e a intencionalidade são características intrínsecas do cérebro humano, uma espécie de um “alto nível” dos processos cerebrais (SEARLE, 1992). Por serem “partes da biologia humana”, comparáveis à digestão ou circulação sanguínea, o filósofo afirma que a consciência e a intencionalidade, além de emergirem de processos neurocerebrais, devem ser consideradas como fatos objetivos do mundo físico-biológico. Searle (1992) reconhece que a consciência não é unicamente característica do organismo humano, mas de igual modo, de outros mamíferos; muito embora defenda que os estados mentais subjetivos sejam uma prerrogativa exclusiva de cérebros de organismo humanos.

À semelhança de Searle (1992), para quem a consciência e os processos mentais conscientes possuem uma base biológica, Panksepp (2003) afirma que certos processos mentais da consciência afetiva são oriundos do cérebro, mais especificamente de uma “variedade de sistemas emocionais” que coordenam ações instintivas no organismo tanto de pessoas como de mamíferos com cérebros e sistemas neurais desenvolvidos. Por isso, Panksepp (2003, p.32) afirma que seu trabalho procede de um tipo monista espinosiano de duplo aspecto, ou seja, do princípio de que o processo primário da consciência afetiva emerge de uma variedade neurodinâmica de sistemas emocionais que coordenam ações instintivas. Desta forma, Panksepp (2003, p.32) defende a noção de que a consciência afetiva emerge de sistemas emocionais instintivos, da mesma forma que Damásio (2004, 2011) afirma a emergência da consciência a partir de “sentimentos emocionais” do organismo vivo.

A partir da perspectiva de que a consciência afetiva emerge de uma variedade de “sentimentos emocionais” e esses fazem parte do aparato biológico de mamíferos em geral, fica evidente a proposta de Panksepp (2003) de associar seu sistema a uma espécie de monismo, no caso um monismo de duplo aspecto. Consoante o neurocientista, o organismo dos mamíferos em geral, com cérebros e sistemas neurais desenvolvidos, possuem realidades únicas, acompanhadas de processos emocionais, físicos e biológicos ligados a estados mentais conscientes e não-conscientes do cérebro. Essa ideia o levou a afirmar que não apenas o organismo de pessoas mas o organismos de “outros mamíferos têm experiência afetiva” sendo ainda difícil um método de comprovação (PANKSEPP, 2003, p. 31). Por isso, Panksepp (2003) usa o termo “animalian” para se referir tanto ao organismos humano quanto de animais com cérebros e sistemas neurais desenvolvidos.

Este modelo neurocientífico da consciência que integra aspectos de uma consciência afetiva com sentimentos emocionais e o organismo assegura a impossibilidade de se entender a dinâmica da consciência sem a integração da atividade neurofisiológica do organismo centralizada nos processos cerebrais. A dinâmica do organismo que apresenta processos mentais e neurofisiológicos do corpo como aspectos de um único processo é o que Pankseep (2003) denomina de monismo de dupla aspecto.

Por isso, na intenção de subscrever o monismo de duplo aspecto como um modelo plausível para explicar o modo com que processos mentais, juntamente com os estados de consciência, se relacionam como o corpo, Pankseep (2003, p.34) acrescenta que sua própria perspectiva:

É a de que os avanços feitos em neurociência fizeram dela um tema especialmente trabalhável sob o ponto de vista afetivo-emocional, mas somente se alguém está disposto a subscrever ideias radicalmente monistas, tal como a de minha preferência o monismo de duplo aspecto, com um toque de graça, podendo as previsões em nível humano serem falsificadas⁵.

O monismo de duplo aspecto apresentado por Pankseep (2003) apresenta similaridades com o monismo clássico de Espinosa, no entanto, fundamentado e atualizado em sérias pesquisas no âmbito das neurociências.

O modelo de uma realidade única que engloba processos mentais conscientes e não-conscientes com atividades neurofisiológicas pode ser visto a partir de várias perspectivas desde o naturalismo biológico de Searle (1992) ao dualismo de propriedade defendido por Chalmers (2007). O fato é que todas essas perspectivas têm como ponto em comum a base biológica para a formação e desenvolvimento da consciência, seja o cérebro ou o corpo, com um sistema neural desenvolvido. Neste sentido, tanto Damásio (2004, p. 201) quanto Searle (1992) advogam que “a mente emerge em tecidos biológicos”, em especial “em células nervosas”, as quais partilham similarmente “das mesmas características que definem outros tecidos vivos no corpo.” Na defesa de uma “emergência” para os processos mentais a partir de processos biológicos constituintes do cérebro, Damásio (2004, p. 206) integra também a compreensão de que o corpo, o cérebro e a mente são manifestações de um mesmo organismo vivo:

Dado que a mente emerge num cérebro que é parte integrante de um organismo, a mente faz parte também desse organismo. Em outras palavras,

⁵ Tradução do autor.

o corpo, o cérebro e a mente são manifestações de um organismo vivo. Embora seja possível dissecar esses três aspectos de um organismo sob o microscópio da biologia, a verdade é que eles são inseparáveis durante o funcionamento normal do organismo.

É importante ressaltar que Damásio (2004) nunca classificou abertamente sua perspectiva neurocientífica da consciência como monista, apesar de afirmar a noção de que corpo, cérebro e mente sejam “manifestações inseparáveis” de um mesmo organismo. Um outro detalhe importante se atém ao fato de que quando Damásio (2004) usa o termo “mente”, se refere a processos mentais conscientes e não-conscientes⁶ do organismo. Por isso, se a mente emerge em um cérebro que é parte integrante de um organismo, tanto os processos mentais conscientes como os não-conscientes podem ser considerados como partes integrantes deste organismo. A essa inseparabilidade entre consciência, mente, cérebro e corpo que Damásio (2004) chama de “manifestações de um organismo vivo”, ou “partes integrantes” de um mesmo organismo.

Um modelo atualizado da perspectiva do monismo pode ser observado na perspectiva fenomenológica do Monismo de Triplo Aspecto (MTA) elaborada por Pereira Jr. (2013a). Em sua proposta, Pereira Jr. (2013a) argumenta que a experiência consciente é um aspecto fundamental da realidade do organismo, o que implica entender a consciência como um fato real do organismo tanto quanto qualquer outro aspecto de sua realidade física, química ou biológica. Na perspectiva do Monismo de Triplo Aspecto (MTA), Pereira Jr (2013a, p. 64) afirma que:

A realidade é constituída por três aspectos irredutíveis e inter-relacionados: o aspecto físico-químico-biológico, o aspecto mental não-consciente (cindido em dois polos, o subjetivo e o objetivo) e o aspecto mental consciente (resultante da conjunção dos dois polos). Tal realidade é constituída por um processo temporal no qual as possibilidades naturais se atualizam progressivamente, inicialmente pelo aspecto físico, em seguida pelo aspecto mental e então, onde e quando as condições necessárias se apresentam, no aspecto mental consciente.

No modelo MTA de Pereira Jr. (2013a, p. 300), os aspectos da realidade orgânica não se reduzem um ao outro ou unicamente ao aspecto físico-material. No entanto, estão inter-relacionados, cobrindo, assim, a totalidade da existência do organismo humano. Em acréscimo à codependência entre os aspectos intrínsecos do organismo, a realidade orgânica é

⁶ Minha escolha em usar o termo “não-consciente”, como Damásio (2004) muitas vezes usa, é para diferenciar do termo psicanalítico “inconsciente”.

caracterizada por uma temporalidade que proporciona uma atualização mútua e progressiva entre os estágios de sua constituição.

Em nenhuma das perspectivas apresentadas neste artigo há como negar que atividades mentais e neurofisiológicas sejam possíveis sem a interação com o meio externo, ou seja, com o meio ambiente. Neste sentido, a formação e o desenvolvimento dos processos mentais conscientes e não-conscientes dependem tanto de aspectos físicos internos ao organismo quanto externos a ele, de forma que a consciência é parte da natureza. Assim, torna-se pertinente a proposta de Searle (1992) de restaurar o estudo objetivo da consciência no âmbito da ciência, um vez que a consciência tem sua emergência em processos físicos da natureza sendo, desta forma, inegavelmente parte dela.

Em síntese, seja por meio de uma perspectiva sistêmica do organismo defendida por LIEBER (2001), ou pela “Filosofia do Processo” de Whitehead (1978), ou pela evolução Baldwiniana de Baldwin (1895); seja por vertentes naturalistas neurofisiológicas da consciência (SEARLE, 1992, LEDOUX, 1998; DAMÁSIO, 2004, 2011), ou pelo monismo de duplo ou triplo aspecto de PANKSEPP (2003) e PEREIRA JR. (2013a), o fato é que processos mentais conscientes e não-conscientes estão presentes e ‘incorporados’ em processos físicos de organismos vivos humanos e de certos mamíferos com cérebros e sistemas neurais desenvolvidos e complexos. Esses modelos tornam, de tal forma, inconsistentes as hipóteses de modelos dualistas que defendem a possibilidade de separação entre aspectos mentais conscientes e não-conscientes de aspectos físicos do organismo.

5. Considerações finais

Em síntese, embora a atividade consciente seja o aspecto mais notável da vida mental, não há como separá-la de toda a realidade que integra o organismo e o meio ambiente. Essa compreensão da atividade consciente ‘incorporada’ a características orgânicas e ao meio ambiente impossibilita pensá-la como uma realidade *per se*. Exibindo uma ontologia que não se reduz ao aspecto físico da natureza unicamente, se encontra incorporada nela no tempo. Ainda que a consciência se apresente como um ‘alto nível’ dos processos cerebrais, não se reduzindo a eles unicamente, preserva uma característica privada e qualitativa emergente em cada organismo de forma especial e única.

A consciência é uma qualidade do mundo natural, presente na natureza por meio de organismos vivos humanos com cérebros saudáveis e sistemas neurais complexos e desenvolvidos. Se o organismo é parte integrante da natureza, e se a consciência é parte emergente desse organismo vivo, logo é razoável afirmar que o aspecto consciente do organismo humano é parte de processos físicos do mundo natural, assim como a digestão, a mitose ou a excreção são partes de processos físicos do organismo.

Desta forma, concluímos que o estudo da consciência não pode ser tratado como uma modalidade de conhecimento separada de qualquer outra investigação científica ou filosófica sobre o que é o homem, em todas as suas dimensões; e como este se relaciona consigo mesmo, com o outro e com seu meio, uma vez que os fenômenos da consciência estão presentes no organismo e vêm à existência a partir dele. Desse modo, não importa se a relação da consciência com o organismo seja concebida por uma perspectiva sistêmica ou processual onde a relação harmônica dos aspectos físicos, mentais conscientes e não-conscientes perfaz a plenitude do todo; ou por perspectivas emergentistas da consciência defendidas por Searle (1992) e Damásio (2004, 2011); ou por perspectivas monistas de duplo ou triplo aspecto conforme Panksepp (2003) ou Pereira Jr. (2013a) defendem. Em resumo, em todas essas modalidades, a atividade consciente e não-consciente, o corpo e o meio externo estão integrados de forma inseparável, perfazendo a ideia do organismo humanos ou de mamíferos como um sistema único.

Referências

BALDWIN, J. M. Consciousness and Evolution. *Psychological Review*, v. 3, n. 3, p. 300-309, 1895.

BARKER, T. Process and (Mixed) Reality: A Process Philosophy for Interaction in Mixed Reality Environments. *IEEE International Symposium on Mixed and Augmented Reality, Arts, Media and Humanities Proceedings*, USA: 19 -22 October, Orlando, Florida, 2009.

CHALMERS, D. M. The hard problem of consciousness. In: D. M. CHALMERS (Ed.). *The Blackwell Companion to Consciousness* (pp. 225-235), 2007.

DAMÁSIO, A. *O Erro de Descartes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DAMÁSIO, A. *Em Busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

DAMÁSIO, A. *E o Cérebro Criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LEDOUX, J. *The Emotional Brain*. New York: Simon & Schuster, 1998.

LIEBER, R. *Teoria de sistemas*. São Paulo: ADL, 2001.

LUDWIG, K. The Mind–Body Problem: an overview. In: Stich, Stephen P; and Warfield. Ted A. *The Blackwell Guide to Philosophy of Mind* (pp. 1-46). Oxford: Blackwell Publishing Ltd, 2003.

PANKSEPP, J. *Affective Neuroscience: the foundations of human and animal emotions*. New York: Oxford University Press, 1998.

PANKSEPP, J. Affective consciousness: Core emotional feelings in animals and humans. *Consciousness and Cognition*, v. 14, 2003. p. 30–80.

PEREIRA Jr, A. Triple-Aspect Monism: A Framework for the Science of Consciousness. In: PEREIRA JÚNIOR, A.; LEHMANN, D. (Eds.). *The unity of mind, brain and world: current perspectives on a science of consciousness*. Cambridge/UK: Cambridge University Press, 2013a.

PEREIRA JR, A. Uma Concepção de Bioética na Perspectiva Evolucionista. *Revista Simbio-Logias*, V.6, n.8, Nov, 2013b.

RESCHER, Nicholas. *Process Philosophy: A Survey of Basic Issues*. University of Pittsburgh Press, 2001.

SEARLE, J. *The Rediscovery of the Mind*. London: The MIT Press, 1992.

SEARLE, J. How to Study Consciousness Scientifically. *Philosophical Transaction: The Royal Society*, 1998, p. 1935-1942.

VELMANS, M. Reflexive Monism. *Journal of Consciousness Studies*, v. 15, n. 2, 5-50, 2008.

VELMANS, M. How experienced phenomena relate to things themselves: Kant, Husserls, Hoche and Reflexive Monism. *Phenomenology and the Cognitive Sciences*, v. 6, 2007, p. 411-423.

WHITEHEAD, Alfred N. *Process and Reality: An Essay in Cosmology, Corrected Edition*. Ed. David Ray Griffin and Donald Sherburne. First paperback ed. Free Press, New York, 1978.

THE ORGANISM: AN INTEGRATED SYSTEM OF CONSCIOUSNESS, MIND, BODY AND ENVIRONMENT

Abstract

This article⁷ presents the idea that consciousness is not a reality independent of the body, arguing that chemical, biological and electrical aspects of the organism, mental processes and the environment comprise a single reality. Our main goal is to show, from studies of renowned neuroscientists and philosophers, that the mind - conscious and non-conscious - emerges from neurophysiological processes and develops from interactions of the brain with the body and the external environment. This proposal is justified by the need to conceive consciousness as a phenomenon of nature that cannot be studied in isolation. Therefore, we adopted a systemic approach that includes the prerogative of consciousness as an integral part of the human body and animals with brains and developed complex neural systems. Thus, our proposal is to expose variations of monistic perspectives that include consciousness, mind and body as aspects of a single reality. In conclusion, we have that consciousness should be considered in scientific or philosophical investigations that have the theme complex

⁷ This article is based on the author's dissertation, titled "The phenomenon and the structure of the conscious mind: the relations of integration between consciousness, brain, body and environment", held in february 2014 at the Federal University of Uberlandia – UFU.

organisms, since their phenomenal aspects are present in the living organism come into existence through him.

Keywords: Consciousness; mind; brain; body; environment.